

REZENDE; Ana Luiza do Nascimento¹, BARRETO; Leticia Cardoso²

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa-intervenção, ainda desenvolvida, cujo objetivo é identificar *pistas* onde *batalham* travestis e transexuais de Divinópolis e articulação deste território com município. Além de identificar também quem são essas trabalhadoras, como elas constroem nas *pistas* suas afetividades nas relações e como isso se constitui como forma de resistência às violências. Por prostituição, entendemos que se trata de um trabalho, que muitas vezes vai além da relação sexual (BARRETO et. al, 2012) e que, no Brasil, é visto sob a ótica de dois modelos: abolicionista e regulamentarista, o que impacta nas políticas públicas pensadas (ou não) para prostitutas (BARRETO, 2015). Trata-se de um campo complexo, com objetos multifacetados e que continuamente se transforma, especialmente a partir da entrada das prostitutas no movimento feminista (BARRETO, 2022), assim como da entrada das travestis no movimento LGBT (CARVALHO et. al, 2013). Surgem então, novas perspectivas de relação com esses grupos, em que se reivindique a articulação dos saberes de cada um, tecendo um conhecimento em conjunto. Nessa perspectiva, utilizamos como método a etnografia e técnicas de observação participante e entrevistas livres (MELLO, 2007). Se tratando de um campo novo a ser descoberto, não sabíamos onde eram as *pistas*, quem *batalhava* nelas ou tínhamos colaborador (WHYTE, 1980). Optei por começar minha busca pelos contatos que tinha nos dispositivos socioassistenciais, por acreditar que em algum momento elas os acessaram e que, seria mais fácil identificá-las. Infelizmente, não foi através dos dispositivos que as identifiquei, mas foi assim que conheci meu colaborador. O processo de aproximação com campo foi longo, durante meses mantive contato com informantes, uma candidata trans a Deputada Estadual e participei de palestras com temática LGBT e trabalho sexual. Tanto tempo, me possibilitou conhecimentos que facilitaram minhas futuras incursões, sentia em mim cada vez mais segurança para estar naqueles espaços, contribuir com as lutas e almejar alguma transformação. Enfim em campo, alguns apontamentos: além dos sites, prostituição de rua é predominantemente campo de trabalho de travestis e transexuais, sendo a Rua Goiás, *pista* onde *batalham*. Com relação às trabalhadoras, já havíamos sido informadas sobre a rotatividade, o que pode ser um fator dificultante para identificá-las nos dispositivos. Na *pista*, elas se subdividem em pontos entre aquelas que não são do município e as que são. Em relação ao primeiro grupo, maioria são travestis jovens, migrantes do nordeste/norte e que não fizeram a retificação. Aquelas que pertencem ao município, carregam em si marcas do tempo, se localizam nos pontos mais próximos à rodovia e possuem alguns clientes já fixos. Pelo fato da pesquisa ainda estar em andamento, nos faltam muitos dados, uma vez que para obtê-los, faz-se necessária construção de vínculos. No entanto, enquanto pesquisadora, despontam questionamentos. Esperava me deparar com um cenário muito mais permeado pela opressão, encontrando trabalhadoras resistentes à nossa presença. Pelo contrário, conheci travestis empáticas, dispostas até em me auxiliar nos recortes de minha pesquisa. O que me faz retornar a dúvida que sempre me paira, em que minha pesquisa contribuirá na vida dessas trabalhadoras?

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Prostituição, Travestilidades

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais, ana.1694391@discente.uemg.br

² Universidade do Estado de Minas Gerais, leticia.barreto@uemg.br

